

9ª PRIMAVERA DOS MUSEUS – UMA AÇÃO “INTERPROJETOS”.

BEATRICE GAVAZZI RIBEIRO¹; ANDERSON MOREIRA PASSOS²; ANDRÉA CUNHA MESSIAS³; DIEGO LEMOS RIBEIRO⁴; RAFAEL GUEDES MILHEIRA⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas - beatrice.gavazzi@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – andersometaleiro@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – andreacmessias@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br*

⁵*Professor do Bacharelado em Antropologia/Arqueologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPEL. Coordenador do LEPAARQ-UFPEL – milheirrafael@gmail.com*

INTRODUÇÃO

Este resumo tem o propósito de apresentar uma ação realizada nas escolas de ensino público Alberto Cunha e Bonfim, pelo projeto de extensão do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ), em parceria com o Museu Histórico de Morro Redondo, por intermédio do projeto de extensão “Museu Morro-Redondense: Espaço de Memórias e Identidades”, vinculado ao curso de Museologia da UFPel, em Setembro de 2015, durante o evento “Primavera nos Museus”. A primavera dos Museus é um evento fomentado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), realizado anualmente durante o período da primavera – em 2015, entre 21 e 27 de Setembro – em todos os Museus que cadastraram atividades previamente com o intuito de aproximar a comunidade das atividades realizadas nos museus “O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.” (GRUNBERG; HORTA; MONTEIRO, 1999, p. 6). A 9ª edição do evento teve como tema norteador “Museus e Memórias Indígenas”, como iniciativa renovar um olhar sobre as coleções das instituições museológicas que abordam a temática como pertencente somente a um tempo pretérito, promover uma sociedade mais inclusiva e democrática, preservando e difundindo o patrimônio cultural indígena do passado e do presente, instigando também uma reflexão sobre a diversidade cultural e ações educativas, para tornar obsoleta a visão histórica e fossilizada dos coletivos indígenas que permanecem na época colonial de forma a omitir o protagonismo em outros momentos históricos.

A proposta da ação se justifica, em consonância com a temática proposta, por problematizar sobre o passado mais remoto de Morro Redondo, que, para muitos, não é anterior ao período colonial, mas também que não chega no presente. (CAVALCANTE, 2011).

METODOLOGIA

Esta ação se baseou em lançar mais perguntas do que oferecer respostas concretas, tais como: o que havia na cidade antes da imigração europeia? Quem eram essas pessoas? Como viviam? Como era essa paisagem no passado e quais os recursos naturais havia? O que da cultura indígena carregamos em nosso cotidiano? O que são esses artefatos? Como foram fabricados e usados? Com qual tecnologia? Existem índios no presente? Existem comunidades na região de Pelotas? Com essas provocações estávamos almejamos que os educandos ativassem a curiosidade epistemológica e buscassem respostas, seja por intermédio de documentos ou pela indagação dos familiares.

As ações ocorridas foram divididas em dois momentos: 1) Sensibilização na escola: breve explanação e utilização de recursos audiovisuais e atividades lúdicas para provocar a curiosidade em relação à temática, e; 2) Visita à exposição: através de reflexões incentivar a percepção quanto ao processo de fabricação e utilização dos artefatos expostos buscando uma relação entre o passado e presente, finalizada com um momento mais lúdico onde recriaram a cerâmica guarani.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questões antropológicas relativistas foram discutidas para uma sensibilização em relação à diversidade cultural, para promoção do respeito para com outras manifestações culturais, e um breve levantamento da herança indígena plasmada na cultura “brasileira” que não são abordadas como tal, como exemplo foi falado sobre o mate, as boleadeiras, o chá de plantas nativas, cultivo do milho entre outros. Outro ponto importante tratado foi a apropriação da natureza através do uso e da produção da cultura material e a arqueologia como fonte de estudos e resgate cultural desses povos que muitas vezes tem suas histórias esquecidas e enterradas em um passado muito remoto.

CONCLUSÕES

Por fim, os alunos estavam bastante curiosos sobre os indígenas que possivelmente habitaram o município e que habitam, embora não exista nenhuma pesquisa consistente sobre essa ocupação, mas reconhecendo que costumes estão fortemente presentes na cultura deles. Considera-se que foi um momento proveitoso, profícuo e que suscitou boas discussões e sensibilização dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRUNBERG, E. Manual de atividades práticas de educação patrimonial. Brasília, DF: IPHAN, 2007

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. **História**, São Paulo, v.30, n.1, p. 349-371, 2011.